



PROJETO PEDAGÓGICO: FORMAÇÃO DO GRÊMIO ESTUDANTIL DA ESCOLA ESTADUAL CARLOTA BARREIRA – AREIA-PB

Josiene Almeida Virgínio¹

RESUMO

Este artigo trata-se de um relato de experiência sobre um trabalho desenvolvido mais, especificamente, um Projeto Pedagógico de intervenção, criado pela professora/preceptora da Residência Pedagógica do subprojeto de Sociologia-CAPES-UEPB, sob a coordenação da professora Jussara Bérens e realizado com a participação das/os residentes de sociologia, intitulado “Formação do Grêmio Estudantil” da Escola Estadual Carlota Barreira em Areia-PB. O objetivo do projeto citado era organizar o grêmio estudantil da unidade escolar, tendo em vista que, atualmente, a escola de ensino médio, enquanto, instituição de ensino que prima pela educação para a formação humana e cidadã, almeja estimular o protagonismo juvenil entre as/os estudantes, mediante atividades e ações em que as/os alunas/os possam desenvolver sua criatividade e criticidade, descobrir suas aptidões e agirem como protagonistas na escola e, posteriormente, na vida. A nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), já expressa isso em seu texto. Na Sociologia, esse trabalho se mostra como uma oportunidade de contribuir para a formação de um aluno cidadão, ativo, consciente e sabedor do seu papel social. Teoricamente, nos fundamentamos, principalmente, em Freire (1996) e Bourdieu (2013). Na metodologia, recorreremos a observação direta conforme Lakatos e Marconi (1992) e a uma pesquisa etnográfica segundo Rocha (2008). As principais contribuições desse estudo se dão em torno da importância dos projetos de escola de educação básica, como forma de compartilhar com a sociedade uma experiência muito proveitosa do ponto de vista pedagógico e do aprendizado dos estudantes que estiveram engajados e ativos.

Palavras-chave: Escola. Projeto. Grêmio Estudantil. Experiência.

INTRODUÇÃO

“Nos tempos que correm muito se tem falado sobre a autonomia da escola como algo a ser conquistado e estabelecido” (GADOTTI, 2003, p. 5). Refletindo sobre os dizeres do autor, percebemos que, além da autonomia da escola, precisamos buscar a autonomia do aluno. Analisando os documentos vigentes da educação, principalmente, a LDB e a nova BNCC, compreendemos que esses textos propõem que a escola de ensino médio trabalhe no sentido de desenvolver em seus discentes habilidades e competências direcionadas ao protagonismo juvenil, que trata-se de criar atividades e espaços de diálogos onde as/os estudantes possam expressar sua criatividade e seu potencial de maneira responsável.

Este artigo trata-se de um relato de experiência sobre um trabalho desenvolvido mais, especificamente, um Projeto Pedagógico de intervenção, criado pela professora/preceptora da

¹ Mestra em Educação pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, josiene.virginio@bol.com.br;



Residência Pedagógica do subprojeto de Sociologia- CAPES-UEPB, sob a coordenação da professora Jussara Bérens e realizado com a participação das/os residentes de sociologia, intitulado “Formação do Grêmio Estudantil” da Escola Estadual Carlota Barreira em Areia-PB. O objetivo do projeto citado era organizar o grêmio estudantil da unidade escolar. Essa atividade além de ser a ocasião de as/os alunas/os serem representadas/os é a oportunidade da/o estudante ter voz ativa, apresentar ideias e sugestões para o melhoramento da sua escola e, assim, desenvolver o protagonismo. E como docente de Sociologia, entendemos esse trabalho como uma oportunidade de contribuir para a formação de um/uma aluno/aluna cidadão/cidadã, ativo/a, consciente e sabedor/a do seu papel e do seu lugar social.

Com a finalidade de dar uma maior consistência teórica a nosso estudo nos fundamentamos, principalmente, em Paulo Freire (1996), absorvendo de seus escritos o conceito de autonomia que, segundo ele, é a capacidade e a liberdade que o educando tem de construir e reconstruir o que lhe é ensinado. E em Heloisa Pontes (2007), ao abordar o conceito de sociabilidade em Norbert Elias, até chegar no conceito de capital simbólico de Pierre Bourdieu. Em termos de metodologia, nos orientamos por Lakatos e Marconi (1992) com seu conceito de observação direta e Rocha (2008) com a etnografia.

Assim, refletindo sobre o desenvolvimento desse trabalho, consideramos como uma experiência muito proveitosa enquanto docente de Sociologia de uma escola pública da educação básica, por se tratar de uma atividade em que as/os discentes puderam colocar em prática ações que foram um verdadeiro exercício de participação cidadã. Sem deixar de mencionar que era um trabalho elaborado dentro do contexto do programa Residência Pedagógica-CAPES-UEPB, baseado no diálogo entre universidade e escola pública.

METODOLOGIA

Neste estudo, recorreremos à observação direta, segundo Lakatos e Marconi (1992), consiste em um tipo de atividade que utiliza os sentidos na obtenção de determinado aspecto da realidade. Para elas, trata-se de um método de acompanhamento presencial do processo a ser modelado que sujeita a/o estudiosa/ estudioso a um contato mais direto com a realidade. Levando em consideração que este artigo objetiva descrever uma experiência vivida pela autora, optamos por utilizar essa tipologia de pesquisa.

Este estudo também se insere num contexto de pesquisa etnográfica, em conformidade com o que pontua Rocha (2008), para ele a interação é a condição da pesquisa, trata-se de



uma relação que se prolonga no tempo e nos espaços sociais vividos. Por consequência, a descrição e a interpretação do contexto pesquisado, são ações que fundamentam uma pesquisa etnográfica.

Analisando essas concepções metodológicas, consideramos está amparadas/os de modo a compreender o processo de descrição da experiência vivida, estando sempre inseridas/os dentro do contexto mencionado e participando ativamente de todas as etapas descritas. Podemos comprovar isso através da exposição detalhada dos acontecimentos vividos, feita ao longo do texto, demonstrando que estávamos envolvidas/os constantemente, desde a construção do projeto até sua prática, abrangendo todas as etapas.

REFERENCIAL TEÓRICO

APRESENTAÇÃO DO PROJETO A COMUNIDADE ESCOLAR

Tudo começou com a Reunião com a gestão, no dia 19 de maio de 2019, realizamos uma reunião com a gestora da escola com o objetivo de apresentar o projeto e pedir seu apoio no trabalho. Começamos esse encontro com a apresentação das/os alunas/os residentes, falamos um pouco sobre o Programa da Residência Pedagógica-CAPES-UEPB, explicamos que tratava-se de um projeto de intervenção desse programa a ser desenvolvido na nossa escola, assim, expressamos a relevância de implantação do grêmio estudantil, mostrando-o como um instrumento fundamental de parceria entre gestão e corpo discente para a instituição de ensino; discutimos o papel de um grêmio, ainda mencionamos quem iria desenvolver o projeto e colocá-lo em prática e, por fim, encerramos a reunião pedindo seu apoio. A gestora acatou a ideia e se mostrou agradecida e afirmou que podíamos contar com sua contribuição.

Após a reunião com a gestão da escola, precisávamos apresentar o projeto ao corpo docente. Assim, aproveitamos um encontro de planejamento pedagógico e explicamos o trabalho, ressaltando que tratava-se de um projeto realizado pelas/os alunas/os do curso de licenciatura e integrantes do programa Residência Pedagógica de Sociologia da UEPB, orientados por nós, enquanto docente da escola e professora/preceptora e sob a coordenação da professora Jussara Bélens do referido programa. Na apresentação do projeto, argumentamos em torno da importância de termos o grêmio em nossa unidade de ensino como apoio ao trabalho das/os docentes. Para isso, usamos como exemplo outra escola que também trabalhamos, onde tem o grêmio estudantil, explicitamos a resistência inicial por



parte de alguns/mas professoras/es que tinham medo, segundo elas/es, de dá poder as/aos alunas/os, mas que com o decorrer do tempo perceberam que trabalhar em parceria com o grêmio estudantil, era de muito valia mediante o apoio que recebiam da organização no combate a indisciplina, a falta de interesse das/os alunas/os, além de outras atividades que o grêmio desenvolve na escola e que é importante para a mesma, sem falar no protagonismo juvenil que vai emergindo ao longo do trabalho, a participação política, as lideranças e sobre isso retomamos as competências gerais da BNCC que expressa: “exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza”; e “agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários”. As atividades realizadas no Grêmio Estudantil levarão as/os discentes ao desenvolvimento dessas competências e como docente de Sociologia sabemos da importância dessas ações para a formação das/os jovens na contemporaneidade. Ainda em conformidade com a BNCC e levando em consideração o protagonismo juvenil, no tocante a parte do ensino médio, o referido documento aponta como objetivo “garantir o protagonismo das/os estudantes em sua aprendizagem e o desenvolvimento de suas capacidades de abstração, reflexão, interpretação, proposição e ação, essenciais à sua autonomia pessoal, profissional, intelectual e política”.

Diante dessa exposição, boa parte das/os professoras/es se mostraram a favor do trabalho e até se dispuseram a ajudar se necessário. Para dá continuidade a apresentação do projeto a comunidade escolar, desta vez, fomos as salas de aula do ensino médio explicar a proposta e conversar com as/os alunas/os. Como as/os professoras/es já conheciam a ideia, muitos nos apoiaram e ajudaram nesse momento. Assim, ao passar nas salas explicando o projeto, ressaltamos a importância do grêmio para a formação cidadã das/os alunas/os, sobre isso ressaltamos o que diz a LDB “é dever da escola o compromisso de educar as/os alunas/alunos dentro dos princípios democráticos”. Ainda expusemos como o grêmio era formado, quais eram seus objetivos, atribuições e responsabilidades, tudo isso de maneira geral, deixando claro que, posteriormente, trabalharíamos com documentos para elas/es compreenderem melhor. Nesse momento também, fizemos uma pequena atividade, dividimos a lousa em duas partes: de um lado colocamos a escola que temos e do outro, a escola que gostaríamos de ter, as/os alunas/os foram falando e fomos elencando alguns pontos, em



seguida, mediamos uma discussão a respeito do que tínhamos anotado, isto é, a realidade – a escola que temos – e o que podemos fazer – a escola que gostaríamos de ter. Foi quando nos indagamos: o que podemos fazer para melhorar nossa escola? É melhor agirmos individualmente ou coletivamente, através de uma organização legítima? Como teremos oportunidade de melhorar nossa escola? Com essa atividade, percebemos que as/os alunas/os ficaram bastante motivadas/os em querer participar. Encerramos esse momento afirmando a elas/es que aguardassem as próximas etapas do trabalho.

O PROJETO EM PRÁTICA

O próximo passo no desenvolvimento do projeto de Formação do Grêmio Estudantil foi a reunião com as/os líderes e vice líderes de turma para formar a comissão Pró-Grêmio. Em todas as turmas do ensino médio de nossa escola há líderes e vice líderes, a eleição ocorre logo no início de cada ano letivo como exigência da secretaria de educação do Estado. Assim, aproveitamos a participação dessas/es alunas/os e realizamos essa reunião para organizarmos a comissão que foi composta por cinco alunas e três alunos residentes, sob nossa orientação. Nessa reunião explicitamos que o objetivo da comissão era estudar um modelo de estatuto e elaborar um que seria o regimento do nosso Grêmio. Também explicamos que o papel da comissão era organizar as eleições e dá suporte as chapas no desenvolvimento do trabalho, ainda apresentamos um modelo de estatuto, explicando que no próximo encontro faríamos um estudo, partindo daquele modelo, para construir um estatuto para o nosso Grêmio. As/os alunas/os se mostraram bem interessadas/os.

Dando continuidade as ações do projeto, realizamos outra reunião com a comissão Pró-Grêmio para estudar um modelo de estatuto e construir o nosso, retiramos e acrescentamos itens, adaptando a nossa realidade. Nesse encontro compreendemos como um grêmio é formado, quais são seus objetivos e ações dentro da escola, um dos objetivos que acrescentamos foi “atuar junto com a gestão em casos de indisciplina e falta de interesse de seus pares”.

Depois dessa reunião, com o nosso estatuto pronto, procuramos fazer parceria com outras/os alunas/os residentes, para nos ajudar nesse projeto, pois na escola além da Residência Pedagógica de Sociologia, há a Residência de Biologia, de Filosofia, porém, não fomos atendidos.



Desse modo, continuando as etapas de nosso trabalho, passamos nas salas para apresentar o estatuto, decidir o nome do Grêmio, período das eleições e anotar o nome das chapas. Nessa oportunidade se apresentaram três chapas para concorrerem às eleições. Percebemos as/os alunas/os bem motivadas/os em participar. Nesse sentido, na semana seguinte realizamos um encontro com as/os alunas/os integrantes das chapas que haviam se apresentado para dialogarmos a respeito de como se organizar para a campanha. Explicamos como poderiam fazer suas propostas, número e nome das chapas. Nessa oportunidade também falamos sobre a realização de um debate entre as chapas, que precisávamos organizar, para que a comunidade escolar pudesse conhecer as propostas de cada uma e pudesse escolher melhor aquela que a representassem. A seguir mostraremos como as/os discentes foram ficando desmotivadas/os, sem querer continuar com o trabalho.

A DESISTÊNCIA À VISTA

Na semana seguinte, quando procuramos as chapas para analisar como estava a elaboração das propostas de trabalho e como estavam se organizando para as campanhas, percebemos que as/os componentes estavam querendo desistir, alegando que não tinham tempo para realizar as atividades do Grêmio, que tinham medo de enfrentar a gestão. Isso nos preocupou, no entanto, ressaltamos a relevância da participação delas/es na escola, que elas/es não podiam ficar reclamando dos problemas, que era preciso cobrar, ajudar a gestão na resolução das dificuldades do dia a dia. Em decorrência disso, pensamos em desistir do projeto, depois de todas essas atividades desenvolvidas, ansiosos pela eleição, as/os alunas/os quererem desistir, foi muito complexo para nós que estávamos à frente do trabalho. Contudo, decidimos fazer uma reunião para entender o que tinha dado errado, na oportunidade, nós enquanto professora/preceptora e as/os alunas/os da Residência Pedagógica, optamos por continuar com o projeto, fizemos uma avaliação das etapas desenvolvidas para refletir sobre o que poderia ter acontecido para as/os alunas/os quererem desistir, ainda planejamos algumas atividades para prosseguir com o trabalho.

Com o propósito de continuar com as atividades do projeto, convidamos as/os alunas/os que tinham apresentado as chapas anteriormente, mas que estavam querendo desistir, para uma reunião. Na ocasião, resolvemos relatar a experiência que já tínhamos com Grêmio Estudantil, da outra escola onde trabalhávamos. Assim, expusemos que o Grêmio era atuante junto ao corpo discente, as/aos professoras/es e a gestão, organizavam campeonatos,



sessão de cinema, apresentações musicais, atuavam nos eventos da escola, principalmente, festa junina e a feira de ciências, organizavam sorteios para angariar fundos e com esses recursos ajudavam em pequenos reparos da escola, a exemplo de, a fechadura do banheiro feminino, alguns ventiladores de salas, além de estarem sempre presentes em casos de indisciplina de seus pares, falta de interesse em realizar as tarefas escolares e, muitas vezes, esse acompanhamento por parte das/os alunas/os gremistas surtia mais efeito do que as conversas com a diretora e com as/os professoras/es, enfim, com esse relato pretendemos expor as/aos alunas/os o quão era importante elas/es terem representação, na forma do Grêmio.

Na semana seguinte, conversamos com a gestão sobre o que tinha acontecido e, mais uma vez, pedimos seu apoio, a vice diretora que, segundo ela, tinha sido gremista quando era aluna do ensino médio, se dispôs a nos ajudar e passou em todas as salas de aula do médio, expressando que as/os estudantes tinham o consentimento da gestão para organizarem o Grêmio e que era relevante que elas/es tivessem representação. Dando continuidade as atividades, preparamos uma sala e apresentamos para as/os alunas/os um documentário que mostrava a realidade de uma escola do Rio de Janeiro, como as/os alunas/os começaram a se organizar para formar o Grêmio Estudantil e a importância delas/es terem representação. Depois dessa atividade, pelos comentários que ouvimos, notamos que elas/es estavam ficando motivadas/os novamente. Todavia, ainda não tivemos nenhuma chapa formada.

MARCOS DA RETOMADA

Na semana seguinte, quando íamos procurar a diretora para conversar, fomos procurados por duas alunas do 9º ano. Quando começamos a relatar o trabalho com o projeto, afirmamos que estávamos envolvendo apenas as/os alunas/alunos do ensino médio, escolhemos esse público por acreditar que elas/es estavam mais preparadas/os para enfrentar o trabalho à frente do grêmio estudantil, diferente das/os alunas/os do ensino fundamental. No entanto, como vimos não deu certo. Retomando, duas estudantes do 9º ano nos procuraram e relataram que queriam participar do projeto e apresentar uma chapa. Elas afirmaram que tinham visto os cartazes sobre grêmio, colados nas paredes do corredor da escola, que tinham recebido os panfletos no dia da Mostra Pedagógica e tinham começado a pesquisar sobre o assunto, além do mais, uma delas tinha experiência em grêmio estudantil, pois havia participado de um na escola que estudava anteriormente no Rio de Janeiro.



Na ocasião explicamos que só podiam participar do projeto, alunas/os do ensino médio por todos aqueles motivos que já explicitamos. Elas, porém, argumentaram que tinham condições, pois estavam estudando o assunto, tinham experiência e que eram do 9º ano e que já estávamos, praticamente, no final do ano e quando fossem atuar, já estariam no ensino médio. Diante da insistência das mesmas, dissemos que iríamos pensar no assunto e, brevemente, procuraríamos elas para conversar.

Depois desse fato, resolvemos repensar o projeto e nos reunimos (professora/preceptora e residentes) com o objetivo de refletir sobre o que faríamos em relação ao fato ocorrido, isto é, a procura das alunas do 9º ano para participar do grêmio. Nesse encontro decidimos continuar com o projeto e abrir a participação das/os estudantes do 9º ano, na escola tinha duas turmas de 9º ano. Na oportunidade comunicamos à gestão o que tinha acontecido em relação as/aos alunas/os do ensino médio, apesar de desenvolvermos todas aquelas atividades, as/os discentes estavam desmotivadas/os em participar, também, explicamos o fato das alunas do 9º ano terem nos procurado e, diante desse ocorrido, decidimos continuar com o projeto e precisávamos de seu apoio. A diretora, prontamente, afirmou que poderíamos contar com ela e que lamentava o fato das/os alunas/os do ensino médio não quererem participar.

O PROJETO EM EXECUÇÃO NOVAMENTE

Para retomar o trabalho com o projeto de formação do Grêmio Estudantil, passamos nas salas de todo ensino médio e, agora, dos dois 9º anos, para avisar que iríamos continuar com o projeto e que, como já havíamos desenvolvido todas aquelas atividades e todas/os as/os alunas/os já estavam conscientes do que se tratava, iríamos partir para a formação das chapas e que, agora aguardaríamos as/os estudantes se organizarem, formarem suas chapas e nos procurarem, para isso, elas/es teriam um período de uma semana.

Como já esperávamos, nenhuma turma do ensino médio se movimentou. No final do período estabelecido recebemos duas formações de chapas, uma do 9º ano A e outra do 9º ano B. A chapa do 9º ano A era formada por as duas alunas que haviam nos procurado e mais três colegas e a chapa do 9º ano B também tinha cinco componentes. Com as duas formações de chapas em mãos, passamos nas duas salas representadas e comunicamos que iríamos marcar uma reunião com as chapas formadas para dá continuidade as atividades.



Na semana seguinte, realizamos um encontro com as duas chapas. Na oportunidade cada chapa escolheu seu nome e número. A chapa do 9º ano A se chamou “As pioneiras”, era formada só por mulheres e o número escolhido foi 17. Já o 9º ano B apresentou o nome “S.A.T.K.A.”, que eram as iniciais dos nomes das/os componentes e o número escolhido foi 07, essa tinha dois meninos em sua formação. Nessa ocasião, também, explicamos que já tínhamos um estatuto pronto, que tinha sido elaborado pelas chapas anteriores, que tinham desistido e que, quando realizássemos as eleições, a chapa vencedora faria se necessário os ajustes. Nessa reunião orientamos como elas/es iriam fazer a campanha, explicamos que elas/es precisavam organizar suas propostas em cartazes e espalhar pelos corredores da escola e em panfletos para passar nas salas de aulas entregando as/aos estudantes e divulgando seus nomes e números.

Na semana que seguiu, as chapas nos apresentaram seus cartazes e seus panfletos, nós (a professora/preceptora e as/os alunas/os da Residência Pedagógica), avaliamos o material, analisamos se estava tudo certo e, em seguida, devolvemos o material, afirmando que elas/es já poderiam começar a divulgar, fazer campanha nas salas, apresentar suas propostas e pedir votos. E assim, elas/es procederam, expuseram os cartazes nos corredores da escola e começaram a fazer campanha nas salas. O desenvolvimento dessas atividades nos faz recuperar o que diz Freire (2001), os alunos não são meros aprendizes de conteúdos, mas devem ser estimulados a participar de outras atividades, devem ter vivências em práticas de diálogos, de luta política e busca de seus interesses dentro da escola para desenvolver sua criticidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com todas essas etapas concluídas, convocamos as chapas para decidirmos sobre a eleição. Nesse encontro, sistematizamos algumas informações relevantes. Marcamos a eleição para a primeira semana de dezembro e pedimos para que elas/es intensificassem a campanha. Informamos à gestão que tínhamos marcado a eleição e que tudo estava acontecendo de maneira tranquila. Também passamos nas salas de aula agradecendo as/aos alunas/os, informando o dia da votação e pedindo que participassem que fossem votar, ainda ressaltamos a relevância do projeto e de as/os alunas/os terem representação na escola.

A partir dessa reunião começamos a trabalhar para organizar as eleições, a vice-diretora nos ajudou muito. Preparamos as cédulas, uma caixa para servir de urna, as listas de



alunas/os de cada turma do ensino médio e os dois 9º anos. Pedimos as chapas que preparassem um cartaz com nome, número e as propostas para anexar no local da cabine de votação para uma eventual consulta na hora de as/os estudantes votarem. As chapas desenvolveram muito bem suas campanhas, usaram as redes sociais para divulgar suas propostas, enfim, estavam bem envolvidas.

Exatamente às 8 horas começamos a votação, um aluno residente ficou responsável por passar em cada sala para levar a turma para votar e quando terminassem acompanhá-los de volta a sala para não tumultuar as aulas, enquanto isso nós estávamos em sala de aula, combinamos tudo isso com a diretora para não termos problemas posteriores. A votação ocorreu de forma bem tranquila, cada turma que chegava as/os residentes procuravam a lista e cada aluna/o assinava na frente de seu nome, recebia a cédula e votava, quando toda a turma votava, todos voltavam para sua sala de aula. Encerramos o período da manhã às 11:30 e retornamos de 13:30, terminando no final da tarde, às 16:00 horas.

Abrimos a urna e fizemos a contagem dos votos, a chapa vencedora foi a S.A.T.K.A. com uma diferença muito grande de votos, vale ressaltar que essa chapa não era a das meninas que havíamos procurado, era a do outro 9º ano, que se apresentou depois. Nós ficamos muito contentes porque essa chapa era a que tinha as propostas melhores para a escola e para as/os alunas/os. As/os componentes dessa chapa estavam encarando esse projeto com mais responsabilidade, demonstravam mais segurança, mais entendimento, enfim, estavam mais preparadas/os. Analisando o envolvimento dos alunos nessas atividades, argumentamos em favor do conceito de sociabilidade de Norbert Elias, citado por Pontes (2007), por meio da sociabilidade os grupos marcam suas diferenças, sinalizam suas chances de poder, conferem sentido aos seus integrantes e expressam seu capital simbólico. E nesse ponto, vejamos o que cunhou Bourdieu (2013), o capital simbólico é de um modo geral, uma medida de prestígio ou de carisma que um indivíduo ou instituição possui em determinado campo. Assim, o capital simbólico permite que um indivíduo desfrute de uma posição de destaque frente a um campo.

Terminado a contagem dos votos, agradecemos as duas chapas pela coragem e empenho, entregamos todo material usado na eleição a gestora para quaisquer esclarecimento, inclusive, a ata assinada e o estatuto e, também, apresentamos todos os componentes da chapa vencedora. Nesse momento também realizamos uma reflexão com elas/es no sentido de encorajá-las/os para o trabalho a frente do Grêmio Estudantil, que elas/es precisavam estudar sobre o assunto, ouvir seus pares, ouvir a gestão para poder desenvolver um bom trabalho, nós também nos colocamos a disposição para ajudá-los no que fosse preciso. Elas/es



demonstraram está bem motivados para o trabalho. No grupo de *whatsapp* da escola, agradecemos mais uma vez o empenho da gestão e o apoio das/os professoras/es durante todo trabalho do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar nosso texto, gostaríamos de ressaltar que este artigo trata-se de um relato de uma experiência vivenciada pela autora no desenvolvimento de um projeto pedagógico intitulado “Formação do Grêmio Estudantil da Escola Estadual Carlota Barreira em Areia-PB”. O referido trabalho tratava-se de um projeto de intervenção construído por nós enquanto professora/preceptora do Programa Residência Pedagógica de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação da professora coordenadora Jussara Bélen e com a participação das/os alunas/os de licenciatura em Sociologia da UEPB.

O desenvolvimento desse projeto objetivava formar o grêmio estudantil da escola mencionada. Como vimos, colocar em prática esse trabalho não foi uma tarefa fácil, visto que encontramos diversas dificuldades ao longo do trabalho. Contudo, ao término do projeto pudemos perceber o quão foi relevante para nós enquanto professora de Sociologia, isto é, foi uma oportunidade de muito aprendizado. Para as/os alunas/os licenciandas/os do Programa Residência Pedagógica de Sociologia, futuras/os professoras/es, foi um momento de experimentar a prática de um projeto pedagógico, levando em consideração que serão educadoras/es no futuro inseridos numa escola tendo que colocar em prática um projeto pedagógico. Para as/os estudantes da escola, as contribuições do projeto de formação do grêmio estudantil se deram desde a importância delas/es terem representação perante a gestão, e isso leva ao exercício da prática cidadã, na busca dos seus direitos, até a oportunidade de aprender no dia a dia a argumentar, a defender seus pontos de vista, a desenvolver o protagonismo juvenil e, principalmente, a reivindicar uma escola melhor.

Mediante o exposto, julgamos necessário o planejamento de projetos como esses, que coloca a/o aluna/o no centro do trabalho, como uma/um aprendiz ativa/ativo e participante. Não são práticas pedagógicas fáceis de desenvolver, requer planejamento e muito trabalho, no entanto, são ocasiões de muito crescimento, tanto para as/os discentes, como para as/os professoras/es. Sem deixar de mencionar a participação das/os alunas/os residentes do programa Residência Pedagógica de Sociologia da UEPB, destacando a relevância dessas ações para as/os alunas/os de licenciatura, à medida que, estas/es colocam a/o futura/o



professora/or dentro do contexto de possível atuação, que é escola de educação básica e suas atividades e, assim, as/os novas/os docentes sairão das instituições formadoras, com uma formação mais sólida, mais consistente e mais próxima da realidade que por ventura encontrarão.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Capital simbólico e classes sociais**. Novos estud. - CEBRAP no. 96. São Paulo – SP, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000200008>. – Acesso em: 04 de junho de 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: ensino médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Política e Educação**. 5. Ed – São Paulo, Cortez, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã**. 9.ed. – São Paulo, SP: Cortez, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1992.

PONTES, Heloisa. **Poder, sociabilidade e simbolismo em Norbert Elias**. X Simpósio Internacional. Processo Civilizador. ISBN: 978-85-99688-02-1. Campinas – SP: 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos_PDF/Heloisa_Pontes.pdf>. – Acesso em: 04 de junho de 2020.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornélia. **Etnografia: saberes e práticas**. Artigo publicado no livro organizado por Cely Regina Jardim Pinto e Cesar Augusto Barcellos Guazzelli. Ciências humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008. Disponível: em <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/viewfile/9301/5371>>. – Acesso em: março de 2020.